

Representações estudantis da família e dos amigos: contributos para uma sociologia dos afectos

**Isabel Dias João
Teixeira Lopes**

Resumo: Com este artigo pretende-se contribuir para uma melhor visibilidade, conferida já por estudos anteriores, sobre as representações estudantis no domínio da afectividade, através de dois domínios fundamentais, algumas vezes antagónicos, outras vezes complementares: a família e as redes de amigos.

Descortinando eixos representacionais que exercem clivagens numa (falsa) ideia de homogeneidade da condição social estudantil, pretende-se ainda o enquadramento destes domínios como realidades eminentemente sócio-culturais, estruturadas e estruturantes e de pender socializador.

1. Considerações iniciais

O estudo da afectividade e das suas manifestações foi, até há bem pouco tempo e com poucas excepções, um objecto periférico da análise sociológica. De facto, um certo positivismo de cariz sociologista tendia a remeter estes fenómenos para a esfera do psicológico, ou então considerava-os como meros epifenómenos de determinações estruturais socialmente enraizadas.

Contudo, o retorno em força das abordagens compreensivas, muitas vezes baseadas nos teóricos da etnometodologia, da fenomenologia social e

do interaccionismo simbólico, obrigou ao reconsiderar da vida quotidiana como objecto central da análise sociológica. No entanto, deslumbrados pelo permanente fluir do quotidiano, esqueceram-se muitas vezes os sistemas de relações objectivas que contextualizam as manifestações de afectividade.

Assim, o presente artigo, centrado na análise das representações estudiantis da família, dos amigos e, em sentido mais amplo, da própria afectividade, pretende fornecer alguns contributos para que esta seja simultaneamente analisada como fenómeno social estruturado e prática social estruturante; reflectindo não só as grandes regularidades sociais, como também todos os pormenores aparentemente (e só aparentemente...) anódinos das histórias de vida e do quotidiano.

Desta forma, e assumindo a perspectiva teórica anteriormente explicitada, partir-se-á de uma breve caracterização da amostra da população estudada para, num segundo momento, se analisarem as representações estudiantis face à família, aos amigos e à afectividade em geral.

2. Caracterização da Amostra

O estudo que está na base deste artigo, teve como grande objectivo analisar as *Práticas e Aspirações Culturais dos Públicos Estudiantis do Concelho do Porto*. Como tal, a metodologia privilegiada foi a do Inquérito por Questionário. Pretendia-se um conhecimento extensivo não só das práticas dos públicos estudiantis do concelho do Porto, mas também a análise do universo das aspirações e do sistema de valores destes jovens, tentando-se apreender o seu posicionamento face à escola, ao trabalho, à orientação de vida, à família, ao casamento, ao dinheiro/poupança, à delinquência, ao consumo de droga, ao lazer, à cultura, bem como a sua participação política, entre outras dimensões¹.

O Inquérito por Questionário foi, então, administrado, sistematicamente, a uma amostra constituída pelos estudantes do 2.º e do do 3.º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário do Concelho do Porto. Esta delimitação, permitiu que pudéssemos captar indivíduos que, apesar de serem

¹ FERNANDES, António Teixeira; ESTEVES, António Joaquim; DIAS, Isabel; LOPES, João Teixeira; MENDES, Maria Manuela; AZEVEDO, Natália — *Práticas e Aspirações dos Públicos Estudiantis do Concelho do Porto*, Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1996, p. 28 e p. 36.

todos jovens, distribuíam-se por faixas etárias específicas. Ou seja, a nossa amostra foi composta por públicos estudantis dos 11 aos 20 anos de idade ², tornando possível apreender modos particulares de vivência das práticas dos referidos públicos estudantis e de compreensão das suas aspirações culturais.

Construiu-se uma amostra probabilística estratificada³ constituída, inicialmente, por 2295 alunos do 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e do Secundário. Era esperado um certo desfasamento entre a amostra inicialmente calculada e a amostra efectivamente obtida. No nosso caso, a amostra final foi de 1573 o que, apesar da diferença face à amostra inicial, não deixou de ser representativo do universo estudado ⁴. Tal desfasamento deveu-se, essencialmente, às condições específicas de administração (final do ano lectivo).

Relativamente a algumas características sócio-demográficas observamos que na nossa amostra 95% dos estudantes são portugueses e 81,5% são naturais do concelho do Porto, embora existam alunos provenientes de concelhos situados na Área Metropolitana do Porto como, por exemplo, de Vila Nova de Gaia (1,8%), de Gondomar (1,5%), de Penafiel (1,1%), de Matosinhos (0,8%) e de Valongo (0,6%). Apesar da maioria dos alunos serem naturais do concelho do Porto, 22,8% afirma residir fora desta cidade, o que será revelador da importância crescente das zonas residenciais periféricas. Da maior parte (77,2%) que reside no concelho do Porto, 12,6% habita na freguesia de Paranhos e 11,4% na freguesia de Campanhã.

² Nesta faixa etária foram inquiridos 543 alunos com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos, 773 entre os 14 e 16 anos e 11 alunos entre os 17 e os 20 anos. Ver FERNANDES, António Teixeira *et ai* — *O. c.*, p. 79.

³ Uma das finalidades da amostra estratificada é a de decompor a população-mãe em estratos mais ou menos homogéneos. No nosso estudo, cada uma das Escolas situadas no concelho do Porto foi considerada como um estrato, sendo que os indivíduos que constituíam cada estrato foram seleccionados, proporcionalmente, de acordo com o sexo e o grau de ensino. A introdução da estratificação na construção da amostra é recomendável porque aumenta a precisão e assegura a representatividade da característica(s) utilizada(s) para a formação dos estratos.

⁴ O universo estudado era constituído por 27 688 indivíduos. Construiu-se uma amostra estratificada composta por 2295 unidades de observação, tendo em conta um nível de confiança de 95,5% e um erro amostrai de 2%. Uma vez que foram administrados 1573 inquéritos, cerca de 68,5% do total da amostra efectiva ficou coberta, o que garante uma representatividade suficiente aos resultados alcançados.

—Concelho de naturalidade dos estudantes

<i>Concelhos</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Alfândega da Fé	2	0,1
Amarante	2	0,1
Baião	1	0,06
Braga	3	0,2
Bragança	3	0,2
Castelo de Paiva	2	0,1
Celorico de Basto	2	0,1
Cinfães	1	0,06
Espinho	3	0,2
Esposende	2	0,1
Estarreja	1	0,06
Faro	1	0,06
Gondomar	23	1,5
Guimarães	2	0,1
Lisboa	6	0,4
Macedo de Cavaleiros	2	0,1
Maia	6	0,4
Marco de Canavezes	1	0,06
Matosinhos	13	0,8
Mirandela	4	0,3
Oliveira de Azeméis	1	0,06
Paços de Ferreira	3	0,2
Paredes	4	0,3
Penafiel	18	1,14
Porto	1282	81,5
Póvoa de Varzim	3	0,2
Santo Tirso	4	0,3
Sintra	1	0,06
Valongo	10	0,6
Vieira do Minho	1	0,06
Vila do Conde	1	0,06
Vila Nova de Famalicão	6	0,4
Vila Nova de Gaia	28	1,8
Vila Real	4	0,3
Fora de Portugal	40	2,5
Não Responde	86	5,5
Total	1573	100,0

Representações estudantis da família e dos amigos

Quadro n.º 2 — Freguesia de residência dos estudantes

<i>Freguesia</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Aldoar	57	3,6
Bonfim	105	6,7
Campanhã	180	11,4
Cedofeita	114	7,2
Foz do Douro	46	2,9
Lordelo do Ouro	59	3,8
Massarelos	59	3,8
Miragaia	16	1
Nevogilde	26	1,7
Paranhos	198	12,6
Ramalde	137	8,7
Santo Ildefonso	31	2
São Nicolau	13	0,8
Sé	16	1
Vitória	3	0,2
Outra freguesia	359	22,8
Não Sabe/Não Responde	154	9,8
Total	1573	100,0

Na nossa amostra encontramos, igualmente, origens de classe diversificadas. No entanto, os alunos provenientes da Burguesia Empresarial e Proprietária (BEP), têm um peso significativo (20,1%) em relação às restantes classes e fracções de classe, também, presentes. A Pequena Burguesia, em particular, as fracções da Pequena Burguesia Intelectual e Científica (PB1C, 10,3%), da Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédio (PBTEI, 10,9%) e da Pequena Burguesia de Execução (PBE, 12,5%) estão igualmente bem representadas nos alunos estudados. O mesmo sucedeu com o Operariado Industrial Qualificado (OIQ) com uma presença de 11,9%.

Quadro n.º 3 — Lugar de classe de origem do grupo doméstico dos estudantes

<i>Lugar de Classe</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
BEP	316	20,1
BD	18	1,1
BP	59	3,8
PBIC	162	10,3
PBTEI	172	10,9
PBIPR	77	4,9
PBA	1	0,1
PBPA	44	2,8
PBAPL	7	0,4
PBE	197	12,5
PBEPL	54	3,4
OIQ	187	11,9
OA	4	0,3
OISNQ	53	3,4
OPL	51	3,2
Não Sabe	38	2,4
Não Responde	133	8,5
Total	1573	100,0

Legenda:

- BEP: Burguesia Empresarial e Proprietária
- BD: Burguesia Dirigente
- BP: Burguesia Profissional
- PBIC: Pequena Burguesia Intelectual e Científica
- PBTEI: Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédio
- PBIPR: Pequena Burguesia Independente e Proprietária
- PB A: Pequena Burguesia Agrícola
- PBPA: Pequena Burguesia Proprietária Assalariada
- PBAPL: Pequena Burguesia Agrícola Pluriactiva
- PBE: Pequena Burguesia de Execução
- PBEPL: Pequena Burguesia de Execução Pluriactiva
- OIQ: Operariado Industrial Qualificado
- O A: Operariado Agrícola
- OISNQ: Operariado industrial Semi e Não Qualificado
- OPL: Operariado Pluriactivo

Apesar da diversidade de tais distribuições, no cômputo geral, podemos afirmar que a Burguesia Empresarial e Proprietária e a Pequena Burguesia, nas suas diversas fracções, estão sobrerrepresentadas ⁵ o que se deve, por um lado, às características específicas da amostra e, por outro, ao facto de serem precisamente estas classes que, dotadas de mais recursos, continuam a ter mais possibilidades de investirem na educação/formação dos filhos. As famílias pequeno-burguesas apostam, fortemente, na reprodução das posições sociais conquistadas, e na possibilidade de trajectórias sociais de mobilidade ascendente proporcionadas pela escola ⁶. Esta última aspiração é, igualmente, partilhada pelas famílias do Operariado Industrial Qualificado.

Cruzando as variáveis profissão e nível de instrução das famílias de origem verificámos que 18,9% das mães destes alunos são domésticas. Dentro desta categoria profissional, a maior parte das mães dos inquiridos não possui mais do que o Ensino Básico. No entanto, não deixa de ser significativo a percentagem daquelas que sendo domésticas possuem um curso médio e/ou superior ⁷. É provável que as mães destes alunos tenham sentido, ou continuem a sentir, dificuldades de inserção no mercado de emprego, sobretudo as menos instruídas, mas também é possível que o "ser doméstica" tenha sido uma opção numa fase em que o ciclo de vida familiar é mais intenso, tanto para as que possuem maiores como menores habilitações literárias. As "empregadas de escritório" (10,9%) e as "docentes do ensino secundário, superior e profissões similares" (7,6%) sucedem, em importância relativa, as domésticas. Tratam-se de profissões que, tradicionalmente, têm permitido às mulheres um acompanhamento mais próximo da sua vida familiar embora, na actualidade, as novas exigências do mercado de emprego tenham afectado igualmente estas profissões que à partida libertavam mais a mulher ⁸. As mães dos alunos da nossa amostra distribuem-se também pelos "outros operários, artífices e trabalhadores simila-

⁵ Sobrerrepresentação que não deverá ser alheia à concepção que os alunos estudados possuem sobre a situação económica do seu agregado familiar, nomeadamente 39,8% consideram-na "boa", 30,6% "razoável" e 15,6% "muito boa". Ver FERNANDES, António Teixeira *et ai.* — *O. c.*, p. 80.

⁶ Cfr. COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís; ALMEIDA, João Ferreira de — "Estudantes e amigos — trajectórias de classe e redes de sociabilidade", in *Análise Social*, n.º 105-106, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1990, p. 195.

⁷ FERNANDES, António Teixeira *et ai.* — *O. c.*, p. 87.

⁸ Cfr. BERTAUX, Daniel — *Destinos Pessoais e Estrutura de Classe*, Lisboa, Moraes Editores, 1978, pp. 68-95.

res" (7,2%), pelos "trabalhadores não qualificados dos serviços e comércio" (6,7%), e pelo "pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança" (6,3%).

Quadro n.º 4 — Profissão dos pais dos públicos estudiantis do concelho do Porto

<i>Profissão do pai</i>	N	%	<i>Profissão da mãe</i>	N	%
0	248	15,8	0	218	13,9
10	4	0,3	10	2	0,1
11	2	0,1	11	1	0,1
12	109	6,9	12	41	2,6
13	122	7,8	13	60	3,8
20	—	—	20	1	0,1
21	87	5,5	21	12	0,8
22	47	3,0	22	48	3,1
23	38	2,4	23	119	7,6
24	57	3,6	24	45	2,9
31	54	3,4	31	10	0,6
32	9	0,6	32	13	0,8
33	4	0,3	33	35	2,2
34	98	6,2	34	41	2,6
41	98	6,2	41	172	10,9
42	65	4,1	42	31	2,0
51	69	4,4	51	99	6,3
52	48	3,1	52	34	2,2
61	6	0,4	61	1	0,1
71	78	5,0	71	3	0,2
72	100	6,4	72	3	0,2
73	29	1,8	73	7	0,4
74	32	2,0	74	114	7,2
81	10	0,6	81	0	0
82	5	0,3	82	0	0
83	57	3,6	83	0	0
91	41	2,6	91	106	6,7

Representações estudantis da família e dos amigos

Quadro n.º 4 (continuação)

<i>Profissão do pai</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Profissão da mãe</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
93	12	0,8	93	2	0,1
100	1	0,1	100	297	18,9
200	43	2,7	200	58	3,7
Total	1573	100,0	Total	1573	100,0

Legenda:

- 0 — Não responde/sem informação suficiente
- 10 — Funcionários públicos
- 11 — Quadros superiores da administração pública
- 12 — Directores de empresa
- 13 — Directores e gerentes de pequenas empresas
- 20 — Especialistas das profissões intelectuais e científicas
- 21 — Especialistas das ciências físicas, matemáticas e engenharia
- 22 — Especialistas das ciências da vida e profissionais da saúde
- 23 — Docentes do ensino secundário, superior e profissões similares
- 24 — Outros especialistas das profissões intelectuais e científicas
- 31 — Técnicos e profissionais de nível intermédio, das ciências físicas e químicas e trabalhadores similares
- 32 — Profissionais de nível intermédio das ciências da vida e da saúde
- 33 — profissionais de nível intermédio e do ensino
- 34 — Outros técnicos e profissionais de nível intermédio
- 41 — Empregados de escritório
- 42 — Empregados de recepção, caixas, bilheteiros e similares
- 51 — Pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança
- 52 — Manequins, vendedores e demonstradores
- 61 — Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas
- 71 — Operários, artífices e trabalhadores similares
- 72 — Trabalhadores da metalurgia e da metalomecânica e trabalhadores similares
- 73 — Mecânicos de precisão, oleiros e vidreiros, artesãos, trabalhadores das artes gráficas e trabalhadores similares
- 74 — Outros operários, artífices e trabalhadores similares
- 81 — Operadores de instalações fixas e similares
- 82 — Operadores de máquinas e trabalhadores da montagem
- 83 — Condutores de veículos e embarcações e operadores de equipamentos pesados dos móveis
- 91 — Trabalhadores não qualificados dos serviços e comércio
- 93 — Trabalhadores não qualificados das minas, da construção civil e obras públicas, da indústria transformadora e dos transportes
- 100 — Domésticas
- 200 — Desempregados/Reformados/Inválidos

Em relação aos pais dos alunos, 7,8% são "directores e gerentes de pequenas empresas" e 6,9% são "directores de empresa". Curiosamente, e tendo em conta o nível de instrução, os pais que exercem estas actividades profissionais concentram-se, predominantemente, em dois pólos opostos, ou seja, no Ensino Básico e no Ensino Superior⁹. É curioso que, apesar de se ter utilizado uma técnica de amostragem probabilística, e não tendo sido a profissão um critério estratificador da nossa amostra, os pais destes alunos aparecem, no que concerne a esta variável, como que homogeneamente repartidos por dois extremos de idêntica representatividade. Igualmente relevante é a presença de pais com as seguintes profissões: "trabalhadores da metalurgia e da metalomecânica e trabalhadores similares" (6,4%) e "operários, artífices e trabalhadores similares" (5%). Os "empregados de escritório", tal como as mulheres, constituem, também, um grupo profissional significativo (6,2%).

3. Posição dos públicos estudiantis face à família

A juventude nunca fora tão estudada como a partir da década de 80. Doravante, fizeram-se inúmeros inquéritos extensivos¹⁰ com vista a colmatar o reduzido conhecimento que se possuía sobre este grupo social. De facto, todos estes estudos contribuíram para um melhor conhecimento empírico da juventude portuguesa, mas também nos proporcionaram importantes pistas de reflexão e de problematização sobre a sua "condição social"¹¹. O estudo sobre as *Práticas e Aspirações Culturais dos Públicos Estudiantis do Concelho do Porto* veio enriquecer este património, sobretudo porque se trata de uma juventude que se situa geograficamente numa zona específica do país. Este estudo é tanto mais significativo, quanto sabemos que os inquéritos disponíveis e anteriormente realizados, cobriram apenas algumas franjas da população juvenil portuguesa, para além de que as amostras não foram estratificadas do mesmo modo, os indicadores utilizados não foram sempre os mesmos (mantendo-se, no entanto, alguns de ele-

⁹ FERNANDES, António Teixeira *et al.* — *O. c.*, pp. 86-87.

¹⁰ FERREIRA, Paulo Antunes — *Valores dos Jovens Portugueses nos Anos 80*, n.º 3, Lisboa, Cadernos do Instituto de Ciências Sociais, 1993, p. 3.

¹¹ CRUZ, M. Braga da *et al.* — "A condição social da juventude portuguesa", in *Análise Social*, n.º 81-82, vol. XX, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1984, pp. 285-308.

vada validade heurística), assim como também foram distintos os grupos etários contemplados e as problemáticas utilizadas¹².

Sendo um produto das sociedades industrializadas e escolarizadas, a juventude tem vindo a conhecer, nas nossas sociedades, uma importância crescente. A racionalização da vida económica e conseqüente processo de especialização tecnológica, associada ao progresso técnico e ao bem estar social, conduziu, também, a maiores necessidades de formação/aprendizagem social. Este prolongamento do processo de socialização dos jovens traduziu-se, simultaneamente, numa maior importância das instituições de aprendizagem escolar, ao ponto de "*um número crescente de famílias de todos os meios sociais operar como que uma centrifugação dos seus filhos que foram irradiados dos meios familiares para os meios juvenis*"¹³ e para as instituições pedagógicas.

O prolongamento do processo de socialização dos jovens fez com que também aumentasse o período da sua dependência social e económica face à família de origem, tornando-se a desvinculação face a esta como um dos aspectos mais importantes do seu processo de autonomização¹⁴. A família, das nossas sociedades, tornou-se numa instituição que, para além de desempenhar funções expressivas, surge como suporte instrumental e económico importante, para estes jovens que vêem a sua escolaridade prolongada¹⁵. A família não perdeu, por isso, o seu carácter de instituição social central, contrariamente aos discursos que insistem "*no esboroamento das formas familiares e no termo da sua central idade na estruturação da vida quotidiana*"¹⁶. É precisamente esta central idade (ou não) da família, para os jovens estudados que procuraremos avaliar, no presente artigo.

Uma primeira observação, decorrente dos dados obtidos através do Inquérito por Questionário, revela-nos que, para estes jovens, a família ocupa um espaço central no seu universo de representações. Com efeito, é

¹² Ver FERREIRA, Paulo Antunes — *O. c.*, p. 4.

¹³ CRUZ, M. Braga da *et ai* — *O. c.*, p. 286.

¹⁴ SCHMIDT, Luisa — "Jovens: família, dinheiro, autonomia", in *Análise Social*, n.º 108-109, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1990, p. 647.

¹⁵ Cf. FERNANDES, António Teixeira — "Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e contradições", in *Análise Social*, n.º 129, vol. XXIX, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pp. 1171-1172 e p. 1168.

¹⁶ ALMEIDA, João Ferreira de — *Portugal os Próximos 20 Anos. Valores e Representações Sociais*, VIII vol., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, p. 94.

a concepção da família enquanto espaço privilegiado de realização e segurança afectiva que predomina entre os jovens estudados ¹⁷. A par desta imagem da família como "um local de segurança afectiva" (45,5% "concordam totalmente" e 35,8% "concordam") encontra-se a noção de família como "um grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias" (46,6% "concordam totalmente" e 32,7% "concordam"). Aliás, esta última concepção surge com alguma vantagem percentual no universo dos alunos inquiridos.

Tais representações revelam-nos que estes jovens pensam e sentem a família como um espaço privado e de realização dos direitos individuais, dotado de autonomia face ao domínio público. É o sentimento que está na base desta instituição social e, como tal, é nela que se encontra, em princípio, o sentido de solidariedade para com os seus membros, já que o seu carácter privado a transformou numa instituição fora do alcance "*da vizinhança e da rede alargada de parentesco*" ¹⁸.

O facto da família ser concebida como "um grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias" (46,6% "concordam totalmente" e 32,7% "concordam"), não colide com o facto de ela ser representada, também, por 42,1%, destes jovens, como "um meio de garantir a segurança económica". Com efeito, nesta última noção está presente uma concepção utilitária e instrumental da família, enquanto a concepção precedente vai além da noção instrumental contemplando, simultaneamente, a dimensão afectiva, porque é essa que fundamenta e legitima o sentido de solidariedade presente naquela imagem de família.

A noção da família como "um lugar importante porque è nela que se encontram as raízes de cada um" obteve o acordo total de 77,1% dos alunos. É interessante constatar que, nesta fase da vida, estes jovens já revelam um grande interesse pela sua ascendência, podendo "*retirar da certeza da existência de antepassados reais*" ¹⁹ alguma segurança. Estes

¹⁷ Concepção que vai ao encontro de outros estudos realizados na década de 80. Para o efeito, ver ALMEIDA, Ana Nunes de — "Perspectivas dos jovens sobre a família e o casamento — notas críticas", in *Análise Social*, n.º 90, vol. XXII, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1986, pp. 157-164.

¹⁸ ALMEIDA, Ana Nunes de — *O. c.*, p. 161. Ver, ainda, KELLERHALS, Jean *et al* — *Microssociologia da Família*, Lisboa, Publicações Europa América, 1989, pp. 16-17.

¹⁹ FOX, Robin — *Parentesco e Casamento. Uma Perspectiva Antropológica*, Lisboa, Edições Vega, 1986, p.13.

jovens, devem sentir-se menos à mercê das contingências, ao saberem que fazem parte de uma família que se prolonga do passado até ao presente.

A família continua a ter importância quer para "a formação da personalidade" (29,9% "concordam totalmente", 38,9% "concordam"), quer para as "pessoas aprenderem a prepararem-se para a vida" (41,8% "concordam totalmente", 37,5% "concordam"). Apesar da importância da escola como espaço crucial de aprendizagem social, a família continua a ter, para estes jovens, um papel relevante para a formação e estabilização da sua personalidade no seu processo de socialização²⁰.

As avaliações negativas sobre a família encontram-se igualmente presentes, só que obtiveram o desacordo de uma percentagem praticamente idêntica de jovens. Assim, a família como "causa de muitos problemas sociais e morais" obteve uma discordância de 56,6%, a família como "lugar de opressão social" contou com 64,5% de desacordo e a família como "uma fonte de conflitos por causa do dinheiro e dos bens" obteve 64,2%. Tal não significa a negação, por parte destes jovens²¹, destas dimensões que estão igualmente presentes na família moderna²². Significa, isso sim, a valorização da dimensão afectiva, relacional e comunicativa da família das nossas sociedades.

²⁰ Tais concepções são, de todo, compatíveis, com as funções que, de acordo com T. Parsons, a família contemporânea desempenha. De acordo com T. Parsons, a estabilização da personalidade efectua-se na família, bem como é nesta que se dá a aprendizagem dos valores e dos papéis. Mas, seguramente, estes alunos possuem uma concepção da família distante da família parsoniana baseada na segregação sexual dos papéis conjugais. Para o efeito, ver PARSONS, T. in MICHEL, Andrée — *Sociologia da Família e do Casamento*, Porto, Rés Editora, 1983, pp. 95-130.

²¹ Saliente-se que 7,6% dos jovens "concordam totalmente" e 21,3% "concordam" com a noção de família como "causa de muitos problemas sociais e morais", 5,3% "concordam totalmente" e 11,6% "concordam" com a família como "lugar de opressão social" e 7,5% "concordam totalmente" e 12,7% "concordam" com a noção de família como "uma fonte de conflitos por causa do dinheiro e dos bens".

²² yer FERNANDES, António Teixeira — "Os Direitos do Homem nas Sociedades Democráticas. A Violência na Família", in *Sociologia* n.º 4, Faculdade de Letras do Porto, 1994, pp. 7- 47 e "Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e conflitos", in *Análise Social*, n.º 129, vol. XXIX, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1994, p. 1156.

Significado da família para os jovens estudantes

<i>Significados</i>	yv	%
Um local de segurança afectiva		
Concordo Totalmente	715	45,5
Concordo	563	35,8
Discordo	59	3,8
Discordo Totalmente	12	0,8
Não Responde	224	14,2
Total	1573	100,0
Um lugar onde as pessoas aprendem a preparar-se para a vida		
Concordo Totalmente	658	41,8
Concordo	590	37,5
Discordo	88	5,6
Discordo Totalmente	10	0,6
Não Responde	227	14,4
Total	1573	100,0
Um grupo de pessoas que se ajudam mutuamente em todas as circunstâncias		
Concordo Totalmente	733	46,6
Concordo	515	32,7
Discordo	78	5,0
Discordo Totalmente	13	0,8
Não Responde	234	14,9
Total	1573	100,0
Um meio indispensável para a formação da personalidade		
Concordo Totalmente	471	29,9
Concordo	612	38,9
Discordo	192	12,2
Discordo Totalmente	52	3,3
Não Responde	246	15,6
Total	1573	100,0
Um lugar importante porque é nela que se encontram as raízes de cada um		
Concordo Totalmente	706	44,9
Concordo	507	32,2
Discordo	73	4,6
Discordo Totalmente	42	2,7
Não Responde	245	15,6
Total	1573	100,0

Representações estudantis da família e dos amigos

Quadro n.º 5 (continuação)

<i>Significados</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
A causa de muitos problemas sociais e morais		
Concordo Totalmente	119	7,6
Concordo	335	21,3
Discordo	559	35,5
Discordo Totalmente	316	20,1
Não Responde	244	15,5
Total	1573	100,0
Um lugar de opressão social		
Concordo Totalmente	84	5,3
Concordo	182	11,6
Discordo	490	31,2
Discordo Totalmente	524	33,3
Não Responde	293	18,6
Total	1573	100,0
Uma fonte de conflitos por causa do dinheiro e dos bens		
Concordo Totalmente	118	7,5
Concordo	199	12,7
Discordo	614	39,0
Discordo Totalmente	397	25,2
Não Responde	245	15,6
Total	1573	100,0
Um grupo facilmente substituível por um grupo de amigos		
Concordo Totalmente	127	8,1
Concordo	179	11,4
Discordo	458	29,1
Discordo Totalmente	553	35,2
Não Responde	256	16,3
Total	1573	100,0
Um meio de garantir a segurança económica		
Concordo Totalmente	149	9,5
Concordo	513	32,6
Discordo	423	26,9
Discordo Totalmente	233	14,8
Não Responde	255	16,2
Total	1573	100,0

Apesar do grupo de amigos ter uma grande importância, para a nossa amostra (cerca de 90,9% afirma que costuma passar os seus tempos livres com os amigos), 29,1% "discordam" e 35,2% "discordam totalmente" que a família possa ser "um grupo facilmente substituível por um grupo de amigos". A reforçar esta posição observa-se que, independentemente dos amigos serem o grupo privilegiado de convívio e com quem os jovens estudantes passam, preferencialmente, os seus tempos livres, a família ocupa, ainda assim, 69,8% das preferências (Ver Quadro n.º 10).

Se observarmos o quadro n.º 6, verifica-se que a família surge logo, a seguir aos amigos e à profissão, como uma das dimensões em que, quer os rapazes (88,8%), quer as raparigas (92,4%), pensam obter maior realização pessoal. A afectividade aparece como uma dimensão essencial para as raparigas (85,4%), mas também para os rapazes (92,4%). Estes jovens são, nos nossos dias socializados em famílias em que a afeição ocupa um lugar central, onde "... a indiferenciação de papéis e de atitudes, o bem-estar, o partilhar de responsabilidades"²³ constituem uma tendência. Na família tradicional, o homem estava privado do papel expressivo. Na família moderna, papel instrumental e papel expressivo não constituem dois pólos opostos de uma mesma dimensão. Parece que esta concepção está, igualmente, presente no universo de representações dos jovens estudados, uma vez que a dimensão afectiva é uma das mais importantes, mesmo, para os jovens do sexo masculino.

Quadro n.º 6 — Aspectos em que se obtém realização pessoal por sexo

Aspectos	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Amigos						
Muita Realização	371	78,3	447	86,8	818	82,7
Alguma Realização	58	12,2	32	6,2	90	9,1
Pouca Realização		0,6	6	1,2	9	0,9
Nenhuma Realização	2	0,4	—	—	2	0,2
Não Responde	40	8,4	30	5,8	70	7,1
Total	474	100,0	515	100,0	989	100,0

²³ BARROS, Francisco Sérgio — "Família e Modernização", in *Desenvolvimento*, n.º 5-6, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1991, p. 161.

Representações estudantis da família e dos amigos

Quadro n.º 6 (continuação)

<i>Aspectos</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>Total</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Profissão						
Muita Realização	339	71,5	392	76,1	731	73,9
Alguma Realização	87	18,4	80	15,5	167	16,9
Pouca Realização	5	1,1	5	1,0	10	1,0
Nenhuma Realização	6	1,3	3	0,6	9	0,9
Não Responde	37	7,8	35	6,8	72	7,3
Total	474	100	515	100	989	100
Família						
Muita Realização	353	74,5	390	75,7	743	75,1
Alguma Realização	68	14,3	86	16,7	154	15,6
Pouca Realização	8	1,7	5	1,0	13	1,3
Nenhuma Realização	3	0,6	3	0,6	6	0,6
Não Responde	42	8,9	31	6,0	73	7,4
Total	474	100,0	515	100,0	989	100,0
Afectividade						
Muita Realização	292	61,6	406	78,8	698	70,6
Alguma Realização	113	23,8	70	13,6	183	18,5
Pouca Realização	16	3,4	7	1,4	23	2,3
Nenhuma Realização	4	0,8	2	0,4	6	0,6
Não Responde	49	10,3	30	5,8	79	8,0
Total	474	100,0	515	100,0	989	100,0
Sexo						
Muita Realização	253	25,6	148	15,0	401	40,5
Alguma Realização	135	13,7	210	21,2	345	34,9
Pouca Realização	35	3,5	74	7,5	109	11,0
Nenhuma Realização	9	0,9	41	4,1	50	5,1
Não Responde	42	4,2	42	4,2	84	8,5
Total	474	47,9	515	52,1	989	100,0

Considerando o lugar de classe da família de origem observa-se que, também ao nível dos aspectos em que os jovens esperam obter realização pessoal, prevalece a mesma distribuição classista. Com efeito, são os jovens provenientes da BEP que esperam obter na família "muita realização" (16,6%), bem como os da Pequena Burguesia, nomeadamente da PBE (8,9%), da PBTEI (7,6%) e da PBIC (7,6%). O mesmo sucede com os jovens do OIQ (8,9%). De novo se confirma a prevalência destas origens sociais nos alunos que constituíram a nossa amostra.

Quadro n.º 7 — Aspectos em que se pode obter realização pessoal por lugar de classe de origem

Família	<i>Muita</i>		<i>Alguma</i>		<i>Pouca</i>		<i>Nenhuma</i>		<i>Não</i>		<i>Total</i>	
	<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Responde</i>			
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>%</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
BEP	164	16,6	39	3,9	2	0,2	1	0,1	21	2,1	227	23,0
BD	8	0,8	2	0,2	0	0	1	0,1	1	0,1	12	1,2
BP	31	3,1	5	0,5	0	0	0	0	1	0,1	37	3,7
PBIC	75	7,6	16	1,6	2	0,2	0	0	5	0,5	98	9,9
PBTEI	88	8,9	23	2,3	2	0,2	0	0	8	0,8	121	12,2
PBIPR	40	4,0	2	0,2	1	0,1	0	0	3	0,3	46	4,7
PBA	0	0	1	0,1	0	0	0	0	0	0	1	0,1
PBPA	22	2,2	8	0,8	0	0	0	0	2	0,2	32	3,2
PBAPL	6	0,6	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0,6
PBE	90	9,1	15	1,5	0	0	0	0	6	0,6	111	11,2
PBEPL	27	2,7	4	0,4	2	0,2	0	0	0	0	33	3,3
OIQ	88	8,9	20	2,0	0	0	1	0,1	9	0,9	118	11,9
OA	3	0,3	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,3
OISNQ	25	2,5	3	0,3	0	0	1	0,1	1	0,1	30	3,0
OPL	18	1,8	6	0,6	0	0	0	0	2	0,2	26	2,6
Não sabe	22	2,2	2	0,2	1	0,1	1	0,1	5	0,5	31	3,1
Não responde	36	3,3	8	0,8	3	0,3	1	0,1	9	0,9	57	5,8
Total	743	75,1	154	15,6	13	1,3	6	0,6	73	7,4	989	100,0

Confrontados com uma questão sobre as dificuldades sentidas pelos jovens que querem constituir família, os resultados revelam-nos que, estes jovens, têm perfeita consciência da sua "condição social", isto é, da sua "situação de dependência e subordinação, caracterizada pela inexistência dos elementos que conferem a plenitude dos atributos da cidadania social"²⁴. Trata-se, no fundo, do reconhecimento, por parte destes alunos, da sua situação de dependência social, instrumental e económica face à família de origem²⁵. De acordo com António Joaquim Esteves, "os jovens são, nesta codificação do ciclo de vida, submetidos a uma escolarização prolongada que exclui a sua participação no universo do emprego"... "Esta permanência na escola apresenta-se, cada vez mais, por um lado, como um factor de maior dependência face às gerações precedentes em contraste com o acrescido apreço da autonomia nas diversas esferas da vida e, por outro, como adiamento, cada vez mais irracional, de expectativas que o sistema de emprego acaba por mais tarde frustrar, através do desemprego ou de formas degradadas de emprego"²⁶. Com efeito, a dificuldade em "arranjar emprego" surge para 74,0% dos jovens como o principal obstáculo à constituição de família própria, seguida da dificuldade em "arranjar habitação" (60,9%), do "prolongamento dos estudos" (32,9%), da "dependência económica face aos pais" (26,6%), da "ausência de apoios sociais" 17,6% e da "precaridade das situações profissionais" (11,3%).

Quadro n.º 8 — Dificuldades dos jovens que querem constituir família

Dificuldades	Sim		Não	
	N	%	N	%
Prolongamento dos estudos	517	32,9	761	48,4
Arranjar habitação	958	60,9	320	20,3
Precaridade das situações profissionais	178	11,3	1100	69,9
Ausência de apoios sociais	277	17,6	1001	63,6
Arranjar emprego	1164	74,0	114	7,2
Dependência económica face aos pais	419	26,6	859	54,6

²⁴ CRUZ, M. Braga da *et al.* — *O. c.*, p. 289.

²⁵ A reforçar esta importância instrumental e económica da família de origem destes jovens, está o facto de a "mesada/semanada fixa dada pelos pais" (76,4%) e as "dívidas de outros familiares" (42,3%) se encontrarem entre as principais fontes de obtenção de dinheiro. Ver FERNANDES, António Teixeira *et al.* — *O. c.*, p. 214.

²⁶ ESTEVES, António Joaquim — *Jovens e Idosos. Família, Escola e Trabalho*, Porto, Edições Afrontamento, 1995, p. 6.

Tais dificuldades sentidas por estes jovens significam que a sua "condição social" é fortemente percebida, não estando alheios à situação de crise social e económica que, associada ao prolongamento da escolaridade, ao tardio ingresso no mercado de trabalho, à crise habitacional, entre outros aspectos, conduzem ao adiamento de projectos pessoais, apesar da constituição de família própria estar presente nas suas perspectivas de futuro. Neste sentido, a modalidade de união conjugal que é alvo de maior preferência, por parte destes jovens, é o casamento religioso. Com efeito, 53,8% dos rapazes e 61,4% das raparigas, pensam vir a constituir família através do casamento religioso. O viver junto, a coabitação e a união de facto, surge em segundo lugar, seguido pelo casamento civil. Apesar da expressão destas modalidades de união conjugal ser reduzida nestes jovens, convém tecer algumas considerações em função do género:

— o viver junto/coabitação/união de facto é uma opção mais mencionada pelas raparigas (14,6%) do que pelos rapazes (11,2%);

— o casamento civil é uma opção apontada por 14,1% dos rapazes e, apenas, por 8,5% das raparigas;

Com efeito, duas tendências estão presentes nestes dados. As raparigas, mais do que os rapazes, ora preferem, maioritariamente, o casamento religioso associado à importância social, simbólica e ritual de que este se reveste na nossa sociedade, bem como ao carácter formal da relação assim estabelecida; ora optam por uma modalidade de união conjugal mais informal e liberta dos constrangimentos tradicionalmente associados à situação anterior. É de salientar que este tipo de união tem conhecido uma grande expressão entre os jovens, em geral, e em particular entre os jovens universitários que são, também, aqueles que experienciam de uma forma mais próxima as dificuldades de inserção no mercado de emprego, bem como a precariedade que o caracteriza actualmente²⁷. Neste sentido, em que medida a coabitação bem como as modalidades de união conjugal mais flexíveis, poderão ser um tipo de união adaptada e associada à instabilidade e precariedade profissionais sentidas pelas gerações mais jovens? Se, em décadas anteriores, estas modalidades de união estavam fortemente associadas a uma liberalização dos comportamentos e atitudes sexuais e conjugais, em que

²⁷ GALLAND, Olivier — "Un statut indéfini et indéfinissable", in *Jeunes D'Aujourd'hui. Regarás sur les 13-25 Ans en France*, Paris, La Documentation Française, 1987, pp. 38-42.

medida ela surge, para os jovens de hoje, como o recurso possível para

quem o prolongamento da escolarização e da dependência da família de origem conduz a um adiamento do processo de autonomização social?

Por outro lado, as raparigas (8,5%) optam menos do que os rapazes (14,1%), pelo casamento civil. Para ambos os sexos, não deve estar aqui em causa o carácter formal da união, mas talvez a preferência dos rapazes por esta modalidade se prenda com a ausência de convicção religiosa e/ou com o carácter mais simples da cerimónia (embora, nalguns casos, se assista à reprodução do casamento com toda a sua simbologia, só que destituído da cerimónia religiosa).

	<i>Sim</i>		<i>Não</i>		<i>Sim</i>		<i>Não</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Casamento Religioso	255	53,8	1	0,2	316	61,4	1	0,2
Casamento Civil	67	14,1	—	—	44	8,5	1	0,2
Viver Junto/Coabitação/União de Facto	53	11,2	7	1,5	75	14,6	—	—

4. Posição dos jovens face aos amigos

É conhecida a intensa valorização juvenil dos grupos de amigos. O quadro n.º 10 aponta, uma vez mais, para uma comprovação de constatações anteriormente efectuadas²⁸: Cerca de 90% dos jovens a partir dos 11 anos passa os seus tempos livres na companhia dos amigos. No pólo oposto, temos a reduzida participação em associações e clubes, o que, não sendo novo, realça o carácter informal da convivialidade juvenil e a sua resistência a formas de enquadramento organizativo que suponham um grau mais elevado de institucionalização.

²⁸ Vd., por exemplo, NUNES, João Sedas; PAIS, José Machado; SCHMIDT, Luísa — *A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações. VI — A Convivialidade e a Relação com os Outros*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude, sem data.

costuma passar os tempos livres segundo a idade

<i>Tempos livres</i>	<i>11-13</i>		<i>14-16</i>		<i>17-20</i>		<i>+ de 20 anos</i>		<i>Não responde</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Com os amigos										
Sim	474	30,1	718	45,6	198	12,6	4	0,3	36	2,3
Não	49	3,142	2,7	9	0,6		1	0,1	2	0,1
Não sabe/Não responde	20	1,313	0,8	4	0,3		0	0	3	0,2
Total	543	34,5	773	49,1	211	13,5	5	0,4	41	2,6
Com a família										
Sim	419	26,6	507	32,2	141	9,0	5	0,3	26	1,7
Não	104	6,6	253	16,1	66	4,2	0	0	12	0,8
Não sabe/Não responde	20	1,3	13	0,8	4	0,3	0	0	3	0,2
Total	543	34,5	773	49,1	211	13,5	5	0,3	41	2,7
Sozinho										
Sim	180	11,4	277	17,6	74	4,7	1	0,1	12	0,8
Não	343	21,8	483	30,7	133	8,5	4	0,3	26	1,7
Não sabe/Não responde	20	1,3	13	0,8	4	0,3	0	0	3	0,2
Total	543	34,5	773	49,1	211	13,5	5	0,4	41	2,7
Em associações, clubes, etc.										
Sim	119	7,6	193	12,3	40	2,5	1	0,1	11	0,7
Não	404	25,7	560	35,6	167	10,6	4	0,3	27	1,7
Não sabe/Não responde	20	1,3	20	1,3	4	0,3	0	0	3	0,2
Total	543	34,6	773	49,2	211	13,4	5	0,4	41	2,6

Estudos como o presente apresentam, no entanto, algumas limitações, decorrentes das próprias opções teórico-metodológicas que orientaram a pesquisa. De facto, o que se ganha em representatividade e em capacidade de comparação da informação, perde-se em intensividade e profundidade, nomeadamente através da ausência de uma articulação eclética entre várias técnicas de recolha e tratamento da informação, tarefa que, certamente, funcionará como estímulo a futuros estudos mais localizados.

Outras investigações, de cariz etnográfico, aprofundaram algumas dimensões da convivialidade juvenil que aqui não é possível analisar. José Machado Pais, por exemplo, ao estudar as formas socialmente diferenciadas de transição para a vida adulta, preocupou-se com as traduções/actualizações ao nível do vivido e do quotidiano do ordenamento sócio-institucional global. Desta forma, tornou-se possível conhecer em profundidade os rituais, as simbologias, os imaginários e as imagísticas juvenis associados à convivialidade²⁹. João Teixeira Lopes, por seu lado, preocupou-se com a análise da convivialidade juvenil num contexto ou cenário de interacção específico (as escolas do Porto), preocupando-se com a materialidade das variáveis contextuais, nomeadamente as que decorrem da organização dos espaços-tempos da interacção³⁰.

Seria interessante, por exemplo, analisar de forma fina e detalhada, o número de jovens (33.8%) que afirmam passar os seus tempos livres sozinhos. Aparentemente, existe alguma contradição com a primeira constatação: se cerca de 90% dos jovens convivem com os amigos, como explicar a percentagem relativamente elevada de inquiridos que respondem estar sós na fruição dos seus tempos livres?

Na ausência de outros instrumentos metodológicos (por exemplo, entrevistas) que nos permitam confrontar informações mais detalhadas, podemos, no entanto, levantar algumas interrogações heurísticas:

A) as relações de convivialidade devem ser analisadas de acordo com o contexto social em que actuam — o seu "*ambiente social imediato*"³¹ — onde se cruzam o micro e o macro, o vivido e o institucional, o pessoal e o estrutural. Nos cenários de interacção escolares, por exemplo, de acordo com o estudo já referido de J. Teixeira Lopes, existe uma forte predominância das *práticas de abandono*, ligadas quer a um amplo movimento de recusa da *escola-obrigação*, quer ao falhanço na integração nas redes grupais e intergrupais. Por outras palavras, "*as relações sociais devem ser consideradas em todo o seu significado, e não como simples laços pessoais*"³², o que implica um outro conceito — o de *espaço pessoal* — como tradu-

²⁹ Vd. PAIS, José Machado — *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1994.

³⁰ Vd. LOPES, João Teixeira — "As escolas urbanas como cenários de interacção - um estudo sobre práticas culturais estudantis" in *Sociologia*, I Série, Vol. V, 1995, pp. 91-150 e ainda *Tristes Escolas*, Porto, Edições Afrontamento, no prelo.

³¹ Conceito de Bott retomado e explorado por Graham Allan in *Friendship. Developing a Sociological Perspective*, Hertfordshire, Harvester Wheatsheaf, 1989.

³² *Idem, ibidem*, p. 33.

ção de uma margem relativamente autónoma (porque circunscrita) de liberdade de escolha.

B) Decorre do anteriormente referido que nem todos os indivíduos têm o mesmo campo de possíveis na escolha dos seus amigos. Variáveis como a posição social, o género, a etnia, a religião, o habitat, etc, exercem um certo poder explicativo na constituição do capital social. Por outras palavras, o campo de possíveis do seu *espaço pessoal* pode ser mais ou menos vasto. As relações de sociabilidade resultam, como refere Claire Bidart, do "*conjunto das relações sociais efectivas, vividas, que ligam o indivíduo a outros indivíduos, através de laços interpessoais e/ou de grupo*"³³.

Desta forma, resulta um entendimento da convivialidade, da sociabilidade e das relações afectivas como fenómenos eminentemente sócio-culturais. As escolhas nestas esferas, longe de serem aleatórias, dependem, ainda que de forma indirecta e não mecânica, das posições ocupadas no espaço social.

Interessa, no entanto, desenvolver instâncias de mediação entre o pessoal e o estrutural. Nessa medida, surgem interpelações para que o estudo das relações de amizade e de sociabilidade surjam integradas, como já foi referido, no seu contexto ou cenário de interacção, onde tacitamente os indivíduos desenvolvem as suas rotinas e onde se jogam estratégias, interesses e cálculos.

C) Assim, importa igualmente fazer uma distinção entre formas mais e menos intensas de sociabilidade, que nos permitem, por exemplo, fazer subtis distinções semânticas entre o "ser-se sociável" e o "ser-se amigo". A amizade é uma forma muito especial de sociabilidade, com as suas características próprias, onde ressalta a qualidade do vínculo relacional. Desta forma, muitos dos estudantes inquiridos sentem-se sós porque, por ventura, o estar com "amigos" referidos na mesma resposta, se refere essencialmente aos "colegas". Ora, os "colegas" são companheiros impostos pela presença num determinado cenário de interacção. Como refere Félix Requena Santos³⁴, as pessoas tendem a fazer um uso indiscriminado da palavra "amigo" que, por isso, se torna um conceito ambíguo e polissémico. No caso, por exemplo, das escolas, deveremos, eventualmente, falar de

³³ Vd. BIDART, Claire — "Sociabilités: quelques variables" in *Revue Française de Sociologie*, n.º 29, 1988.

³⁴ Vd. *Amigos y Redes Sociales. Elementos para una Sociología de la Amistad*, Madrid, Siglo XXI de España Editores, 1994.

"companheiros" ou "colegas" e não de "amigos". As relações sociais de companheirismo encontram-se fortemente delimitadas no seu sentido pelo contexto em que ocorrem. Por isso mesmo, tendem a ser relações mais frágeis do que a amizade. No estudo já anteriormente referido de João Teixeira Lopes, os "amigos" encontravam-se essencialmente fora da escola, inseridos em redes de sociabilidade mais antigas e mais sólidas. Em síntese, os agentes sociais utilizam muitas vezes a mesma palavra para realidades que eles próprios sentem como diferentes.

Daí a necessidade de demarcar conceptualmente a realidade definida pela "amizade" que, como vimos, pode assumir uma multiplicidade de significados sociais, de acordo com os contextos em que os agentes actuam.

Para Alfan, a amizade é uma relação predominantemente voluntária, informal e pessoal, relativamente independente dos contextos de interacção, organizada por normas subculturais (subjacentes ao grupo de amigos) e mais expressiva do que experimental, apesar de ser também pretexto de trocas e de intercâmbios que exigem uma relativa igualdade entre os parceiros da relação. Como refere Félix Santos, "*a semelhança de status e de papéis sociais favorece as possibilidades de encontro entre sujeitos mutuamente desconhecidos*"³⁵.

Voltando ao quadro n.º 6 verificamos, uma vez mais, a intensa valorização conferida aos amigos e aos domínios da família e da afectividade. Contudo, a profissão é igualmente uma esfera privilegiada de investimento juvenil.

Antes de mais, podemos colocar em questão alguns *clichés* teóricos muito frequentes que hipervalorizam a dimensão individualista/narcisista dos modos de vida juvenis. De facto, a realidade aponta muito mais para uma constelação compósita de valores em que, com um certo pragmatismo, se combinam elementos da afectividade com um desejo de obtenção de segurança material. Por outro lado, a orientação convivial dos mapas cognitivos juvenis aponta, decisivamente, para uma valorização dos elementos relacionais da existência³⁶. Há quem refira, por isso, a predominância de um *individualismo de tipo relacional*, em que as dimensões egocentradas se conjugam com as microsolidariedades de base grupai.

³⁵ *Op. cit.*, p. 97.

³⁶ Vd. igualmente a este respeito FERREIRA, Paulo Antunes — *Valores dos Jovens Portugueses nos Anos 80*, Lisboa; Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude, 1993.

Desta forma, família e amigos implicam modalidades diferentes de sociabilidade. Como refere Félix Santos, a amizade tem um carácter menos obrigatório e mais voluntário ³⁷. O parentesco, pelo seu lado, estabelece padrões de interacção mais ou menos rígidos. A amizade, liberta das responsabilidades do parentesco, significa maior autonomia e uma competência social específica: a de escolher, num campo limitado de possíveis, os seus pares, aqueles que, situados em posições próximas no espaço social, melhor asseguram a reciprocidade, mediante estilos e objectivos de vida comuns: "*os amigos tendem sem dúvida a ocupar posições sociais parecidas e, por conseguinte, a dispor de valores comuns em muito maior medida do que outras pessoas de diferentes gerações. Os amigos reforçam a visão da realidade, deforma que apoiam o significado das estruturas mentais de cada um*" ³⁸.

Em síntese, enquanto que as relações de "companheirismo" se encontram delimitadas por um determinado contexto e as relações de parentesco surgem institucionalizadas, de forma não voluntária ³⁹ e relacionadas com codificações mais ou menos rígidas, a amizade aparenta surgir com uma certa margem de manobra, na zona onde espaços-tempos estruturais se cruzam com espaços-tempos pessoais e vividos.

No entanto, e como refere Allan, devemos resistir às visões idílicas e românticas da amizade. Esta, apesar de se caracterizar pelo seu aspecto predominantemente expressivo, não escapa, por vezes, a uma determinada instrumentalidade. A amizade, afinal, exige troca e reciprocidade, mesmo que estes elementos surjam de forma camuflada, já que não se trata de obter *imediatamente* a contrapartida pelo nosso investimento. Ora, tais requisitos, apesar de se afastarem das relações mercantilizadas onde a obtenção de lucro aparece como o principal objectivo, exigem uma equivalência nas trocas ⁴⁰. Para que tal aconteça, para que o equilíbrio persista, impõe-se que os amigos tenham um volume de capitais semelhantes. Por outras palavras, e como anteriormente já foi referido, nem todos podem ser amigos de toda a gente. *Os espaços pessoais encontram-se limitados pela estrutura social, através da mediação dos contextos ou cenários de interacção.*

A análise do quadro n.º 6 sugere-nos ainda um outro tipo de comentários. De facto, nas dimensões "afectividade" e "amigos" a valorização

³⁷ Vd. *op. cit.*, em especial pp. 20-23.

³⁸ *Idem*, p. 22.

³⁹ Preexistem e são exteriores aos indivíduos.

⁴⁰ Allan apelida-a de "*equivalência transaccional implícita*" — vd. *op. cit.*, p. 22.

feminina é mais intensa do que a masculina: 78,8% (mulheres) e 61,6% (homens) na primeira dimensão e 86,8% (mulheres) e 78,3% (homens) para a dimensão "amigos". Serão as raparigas mais afectivas do que os rapazes?

Uma das explicações possíveis prende-se com o alargamento da apropriação dos espaços públicos e semipúblicos para o sexo feminino. Enquanto que a maior parte dos locais de lazer eram, até há relativamente pouco tempo, quase exclusivamente masculinos, hoje tais barreiras tendem a atenuar-se⁴¹.

Por outro lado, vários estudos têm demonstrado haver alguma dissociação entre *sociabilidade* e *intimidade* nas relações sociais desenvolvidas pelos homens. Estes, de facto, têm maiores oportunidades para desenvolver relações sociais informais (as mulheres, tal como foi possível comprovar em vários estudos dirigidos a jovens, ocupam relativamente mais tempo nas tarefas domésticas) mas, do ponto de vista da "qualidade" e intensidade do vínculo tendem a não revelar consideráveis dimensões do seu *self*. Além do mais, os estereótipos dominantes apresentam os elementos do sexo feminino como competitivos, fortes e auto-suficientes. As mulheres, por seu lado, apesar de desenvolverem temas de conversa significativamente diferentes — muitas vezes apressadamente rotuladas de fúteis e triviais — valorizam a cultura do íntimo e do privado⁴². Desta forma, esses estereótipos permitem que as relações de amizade femininas sejam modeladas "face-a-face" e não "lado a lado", como acontece com as masculinas⁴³.

Se atentarmos ainda no quadro n.º 6 e analisarmos o grau de realização pessoal conferido pelo sexo, constatamos que, de facto, aparece relegado para segundo plano quando comparado com os amigos, a família e a profissão: apenas 40,6% dos inquiridos valorizam o sexo como uma dimen-

⁴¹ Não significa que tenham desaparecido. De facto, um trabalho levado a cabo por José Machado Pais concluiu que as raparigas apresentam menores índices de sociabilidade local. Mesmo no que diz respeito à frequência do café, as raparigas frequentam-no mais do que os rapazes durante a tarde e após as refeições e menos durante a noite — Vd. PAIS, José Machado — *Juventude Portuguesa. Situações. Problemas. Aspirações. V — Uso do Tempo e Espaços de Lazer*, Lisboa. Instituto da Juventude/Instituto de Ciências Sociais, sem data.

⁴² Vd., a propósito da influência da socialização na construção social do género, o capítulo "Gender and sexuality" in GIDDENS, A. — *Sociology*, Cambridge, Polity Press, 1993, pp. 160-207.

⁴³ Vd. ALLAN — *Op. cit.*, p. 73.

são em que pensam obter "muita realização". Talvez se, em vez de sexo, constasse sexualidade, as respostas seriam eventualmente diferentes. Geralmente o sexo é assimilado ao acto sexual propriamente dito, enquanto que a sexualidade aparece como um conjunto de relações interpessoais marcadas por uma intensa comunicação e por uma certa valorização do corpo.

De qualquer forma, a partir destes dados, parece-nos claramente apressado considerar o hedonismo de base sexual como um traço distintivo das actuais gerações.

Outro aspecto que nos merece particular atenção prende-se com a clara dissociação entre rapazes e raparigas no que a esta questão se refere. De facto, enquanto que a valorização dos amigos, da família e da profissão aparecem, ainda que com importantes *miances*, como universos simbólicos amplamente partilhados, o mesmo não acontece em relação ao sexo.

Com efeito, esta variável surge claramente associada ao mundo masculino: 25.6% dos rapazes obtêm muita satisfação com o sexo, contra apenas 15% das raparigas. Paulo Antunes Ferreira esboça algumas explicações para esta acentuada clivagem: as atitudes face à sexualidade aparecem fortemente associadas à construção sexual do sexo e às diferentes expectativas que os pais nutrem em relação aos filhos, consoante se trate de rapazes ou raparigas. Para estas, a permissividade é acentuadamente menor, aumentando a intensidade das múltiplas formas de controlo social. Por outro lado, refere este autor a existência de um duplo padrão de apreciação da sexualidade (e, simultaneamente, um duplo padrão de moralidade) que constantemente prejudica as raparigas.

José Machado Pais, no seu estudo sobre as práticas culturais dos lisboetas ⁴⁴ constata a existência de uma cultura *libidinosa*, fortemente associada ao desejo e à sensualidade. No entanto, as considerações sobre o que é "excitável" ou "agradável" variam consideravelmente de acordo com o sexo, aparecendo os homens "*sempre associados a uma imagem de maior activismo sexual*"⁴⁵. Além do mais, o índice de não respostas à prática de relações sexuais (30%) aumenta (40%) para as mulheres. Num outro estudo em que este autor participou ⁴⁶, constata-se que, no conjunto dos jovens

⁴⁴ Vd. PAIS, José Machado *et ai* — *Práticas Culturais dos Lisboetas*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1994, em especial o capítulo III.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 347.

⁴⁶ AAVV, *Jovens de Hoje e de Aqui*, Loures, Edições da Câmara Municipal de Loures, 1996, em especial 195-211

com idades entre os 14 e os 29 anos, a percentagem de raparigas virgens é de 28%, contra 15% dos rapazes. No entanto, nota o mesmo autor, apesar da existência de "*padrões comportamentais orientados por critérios de dupla moralidade*" a diferença entre os sexos "*já não é muito acentuada, ou tão acentuada quanto provavelmente o terá sido há umas décadas atrás*"⁴⁷. Ainda de acordo com esta investigação, "*as grandes perdas de virgindade ocorrem entre os 16 e os 17 anos*"⁴⁸.

De acordo com o quadro n.º 11 podemos considerar que o panorama é algo semelhante. De facto, o grau de realização obtido através do sexo aumenta consideravelmente com a idade: 47.9% dos jovens com idade compreendida entre os 17 e os 20 anos conseguem muita satisfação com o sexo, percentagem que diminui para 38.6% no escalão etário dos 14 aos 16 anos.

Quadro n.º 11 — Aspectos em que se obtém realização pessoal por idade no que se refere ao sexo

	14-16		17-20	
	N	%	TV	%
Muita Realização	298	38,6	101	47,9
Alguma Realização	273	35,3	71	33,6
Pouca Realização	97	12,5	12	5,7
Nenhuma Realização	43	5,6	7	* 3,3
Não Sabe/Não Responde	62	8,0	20	9,5
Total	773	100,0	211	100,0

No que se refere ao quadro n.º 12, onde constam os aspectos em que se pode obter realização pessoal por lugar de classe de origem, verifica-se uma maior valorização da afectividade pelos inquiridos oriundos de meios onde existe um elevado capital económico (burguesia empresarial e proprietária — 16,6%), comparativamente com a pequena burguesia de execução (7,6%) e o operariado industrial qualificado (7,9%).

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 196.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 196.

Quadro n.º 12 — Aspectos em que se pode obter realização pessoal por lugar de classe de origem

<i>Afectividade</i>	<i>Muita</i>		<i>Alguma</i>		<i>Pouca</i>		<i>Nenhuma</i>		<i>Não</i>		<i>Total</i>	
	<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Responde</i>		<i>N</i>	<i>%</i>
BEP	164	16,6	34	3,4	5	0,5	2	0,2	22	2,2	227	23,0
BD	8	0,8	3	0,3	0	0	0	0	1	0,1	12	1,2
BP	27	2,7	8	0,8	1	0,1	0	0	1	0,1	37	3,7
PBIC	73	7,4	18	1,8	0	0	0	0	7	0,7	98	9,9
PBTEI	95	9,6	16	1,6	1	0,1	3	0,3	6	0,6	121	12,2
PBIPR	26	2,6	15	1,5	1	0,1	0	0	4	0,4	46	4,7
PBA	1	0,1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
PBPA	24	2,4	6	0,6	0	0	0	0	2	0,2	32	3,2
PBAPL	4	0,4	2	0,2	0	0	0	0	0	0	6	0,6
PBE	75	7,6	24	2,4	4	0,4	0	0	8	0,8	111	11,2
PBEPL	24	2,4	8	0,8	1	0,1	0	0	0	0	33	3,3
OIQ	78	7,9	26	2,6	4	0,4	1	0,1	9	0,9	118	11,9
OA	3	0,3	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,3
OISNQ	21	2,1	5	0,5	1	0,1	0	0	3	0,3	30	3,0
OPL	17	1,7	6	0,6	1	0,1	0	0	2	0,2	26	2,6
Não sabe	20	2,0	4	0,4	1	0,1	0	0	6	0,6	31	3,1
Não responde	38	3,8	8	0,8	3	0,3	0	0	8	0,8	57	5,8
Total	698	70,6	183	18,5	23	2,3	6	0,6	79	8,0	989	100,0

Quadro n.º 13 — Aspectos em que se pode obter realização pessoal por lugar de classe de origem

Profissão	<i>Muita</i>		<i>Alguma</i>		<i>Pouca</i>		<i>Nenhuma</i>		<i>Não</i>		<i>Total</i>	
	<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Realização</i>		<i>Responde</i>			
	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
BEP	155	15,7	45	4,6	2	0,2	5	0,5	20	2,0	227	23,0
BD	7	0,7	4	0,4	0	0	0	0	1	0,1	12	1,2
BP	30	3,0	7	0,7	0	0	0	0	0	0	37	3,7
PBIC	67	6,8	23	2,3	2	0,2	0	0	6	0,6	98	9,9
PBTEI	94	9,5	16	1,6	1	0,1	1	0,1	9	0,9	121	12,2
PBIPR	34	3,4	9	0,9	0	0	0	0	3	0,3	46	4,7
PBA	1	0,1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1
PBPA	26	2,6	4	0,4	0	0	0	0	2	0,2	32	3,2
PBAPL	6	0,6	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0,6
PBE	92	9,3	13	1,3	0	0	0	0	6	0,6	11	11,2
PBEPL	22	2,2	9	0,9	1	0,1	1	0,1	0	0	33	3,3
OIQ	91	9,2	16	1,6	3	0,3	0	0	8	0,8	118	11,9
OA	1	0,1	1	0,1	0	0	0	0	1	0,1	3	0,3
OISNQ	22	2,2	4	0,4	1	0,1	0	0	3	0,3	30	3,0
OPL	17	1,7	5	0,5	0	0	2	0,2	2	0,2	26	2,6
Não sabe	24	2,4	3	0,3	0	0	0	0	4	0,4	31	3,1
Não responde	42	4,2	8	0,8	0	0	0	0	7	0,7	57	5,8
Total	731	73,9	167	16,9	10	1,0	9	0,9	72	7,3	989	100,0

Representações estudantis da família e dos amigos

No que diz respeito à profissão, mantém-se a mesma orientação (BEP: 15.7%, PBE: 9.3%, OIQ: 9.2%).

Tal não será de estranhar, se pensarmos que são os estratos menos favorecidos que, precisamente, mais cedo abandonam o sistema formal de ensino, inserindo-se no mundo laboral, de forma, aliás, cada vez mais precária, subterrânea e flutuante. As camadas mais favorecidas, não só abandonam mais tardiamente a escola, como têm a possibilidade de usufruir de um período de moratória relativamente longo e que lhes permite, com o apoio da família, escolher as oportunidades de emprego, aumentando o seu espaço de manobra.

Em relação aos amigos, todavia, não se vislumbram grandes diferenças de apreciação, o que uma vez mais nos chama a atenção para a importância desta ética convivial como representação que atravessa os diferentes contextos sociais, apesar de diferentemente vivida e experimentada no plano das práticas sociais.

Em síntese, os amigos e as formas informais de convivialidade tornam-se num importante agente de socialização, correndo em linhas paralelas com a escola e a família, ora convergindo, ora apresentando visões do mundo alternativas. Os amigos, de qualquer forma, não dependem tanto dos contextos de interacção em que os indivíduos se movem, nem tão-pouco de normas institucionalizadas, como acontece com a família. Ainda assim, os amigos não se escolhem aleatoriamente, havendo um campo de possíveis mais ou menos limitado e condicionado por múltiplas variáveis. Sendo geralmente endoclassistas, os grupos de amigos reforçam uma determinado conjunto de pontos de vista sobre a realidade, confirmando e reiterando certas práticas e representações.

Importa realçar, por conseguinte, a linha interpretativa essencialmente baseada em A. Giddens, que considera a socialização como um processo complexo e conflitual, longe do modelo em que a apropriação e a inculcação de determinados significados aparece como inevitável e mais ou menos pacífica. Segundo esta perspectiva, que partilhamos, as estratégias conviviais e os grupos de amigos apropriam de forma criativa a realidade circundante, reproduzindo a cultura dominante mas rectificando-a e actualizando-a através de um vasto conjunto de trocas, compromissos e negociações de que resultam equilíbrios e laços de interdependência mais estáveis. William A. Corsaro apelida este processo de *reprodução interpretativa*⁴⁹ e nele jogam, não só as determinantes estruturais das práticas sociais, como o carácter estruturante destas últimas.

⁴⁹ Vd. CORSARO, William A. — "Discussion, debate and friendship discourse in U. S. and Italian nursery schools" in *Sociology of Education*, vol. 67, 1994, pp. 1-26.

5. Considerações finais

A valorização da família, pelos jovens que constituem a nossa amostra, surge como uma grande evidência. De facto, a família, para estes jovens, ocupa um lugar central e estruturador da sua existência social. Ela é, em primeiro lugar, um espaço de realização afectiva e dos direitos individuais, mas também, o lugar, por excelência, de aprendizagem, de formação da personalidade e de solidariedade entre os seus membros. Para estes jovens, a dimensão expressiva, comunicativa, relacional e económica da família surge superiormente valorizada face a outras dimensões menos positivas sobre a família. Tal não significa, como anteriormente afirmámos, a sua negação, mas sim que a família é representada como tendo um papel e desempenhando funções positivas.

Esta centralidade da família é corroborada não só pelo facto dela surgir como um dos domínios em que, depois dos amigos e da profissão, estes jovens, esperam obter muita realização pessoal, mas também pela intenção manifestada em constituir família. E, aqui, é o casamento religioso que domina como a modalidade de união conjugal preferencial para ambos os sexos. O que vai ao encontro de tendências nacionais anteriormente observadas através de outros inquéritos extensivos⁵⁰. Parece que, para estes jovens, *"não só a família tende a permanecer uma referência de valores central nas configurações culturais contemporâneas como o casamento parece continuar a constituir uma instituição com vitalidade"*⁵¹

Estes resultados evidenciam avaliações sobre a família. Seria importante conhecer se tais avaliações correspondem a uma imagem ideal ou real sobre a família. A família pode ser um facto profundamente inscrito em cada um de nós, por vezes mais sentida, imaginada do que efectivamente vivida. Parece-nos, no entanto, que, independentemente da família real de cada um destes jovens, eles são socializados em instituições em que a dimensão expressiva ocupa um lugar central e em que a afectividade constitui uma das dimensões mais importantes de realização pessoal, quer para os rapazes, quer para as raparigas. O que nos leva a pensar que estes jovens pensam a família como um espaço em que dimensão expressiva e instrumental não se opõem, antes são complementares e intermutáveis.

Os resultados ilustram, igualmente, a consciência que estes jovens possuem sobre a sua "condição social". O que é visível, não só através do facto

⁵⁰ Ver ALMEIDA, João Ferreira de — *O. c.*, p. 99 e FERNANDES, António Teixeira — *O. c.*, pp. 1172-1173.

⁵¹ ALMEIDA, João Ferreira de — *O. c.*, p. 101.

da família de origem ser um suporte económico essencial nesta fase das suas vidas, mas também das dificuldades, por eles apontadas, relativamente à possibilidade de constituição de família própria. Com efeito, a dificuldade de inserção no mercado de emprego, o prolongamento dos estudos, a dependência face à família de origem, a crise habitacional bem como a falta de apoios sociais, são situações bem presentes e que revelam o conhecimento que eles possuem sobre a "sua" realidade social. Esta é uma realidade que os reparte por uma série de instituições (família de origem, escola, sistema de emprego), fazendo-os viver um conjunto de problemas/situações que lhes impede uma plena autonomização social e económica e que foram criados por uma sociedade que inventou "*uma espécie de periodização sociológica das idades da vida social*"⁵².

No que se refere às representações face aos amigos, destaca-se a grande valorização por parte dos inquiridos de uma ética convival, em detrimento de formas mais rígidas e formalizadas de participação social.

Apesar deste eixo representacional ser transversal ao sexo, idade e origem social, verifica-se uma maior valorização das raparigas face à afetividade, o que poderá estar relacionado com distintas formas de construção social do género. O mesmo não acontece no que diz respeito ao sexo, o que nos alerta para a persistência de critérios de "dupla moralidade".

No entanto, um elemento dissonante chama-nos a atenção para a necessidade de precisarmos o conteúdo sociológico do conceito de *amigo*. De facto, uma percentagem significativa de inquiridos (cerca de 1/3) refere que passa os seus tempos livres sozinho.

Desta forma, impõe-se contextualizar os significados de palavras como *amigo* ou *colega*, de maneira a fixar o seu sentido numa dada situação social. De facto, a multiplicidade de usos sociais de conceitos como estes, levam-nos a integrá-los no seu "*ambiente social imediato*" em que as determinações de índole macrossocial se cruzam com as margens de manobra dos espaços pessoais dos agentes, na sua sempre inacabada tarefa de construção social da realidade.

⁵² MAUGER, Gérard — "La jeunesse n'est-elle qu'un mot?", in *Jeunes D'Aujourd'Hiii. Regarás sur les 13-25 Ans en France*, Paris, La Documentation Française, 1987, p. 21.